

O IMAGINÁRIO LATINO-AMERICANO¹

EL IMAGINARIO LATINOAMERICANO

Gabriel L. SANTIAGO²

RESUMO

O artigo retrata o drama latino-americano na tensão dialética dependência-autonomia. Povos se mesclam e sintetizam uma raça com variantes estéticas, culturais, religiosas, políticas, econômicas. Predomina um comportamento autoritário das elites que se reciclam no poder diante de uma frágil democracia e um descontrole na distribuição de renda, consequência de séculos de arbítrio, prepotência, baixo acesso à educação. Há até hoje pouco espaço entre o Estado e a Nação. A utopia de uma grande mudança continua latente.

Palavras-chaves: política - imaginário - elites - história - nação - Estado - alienação

RESUME

El presente artículo demuestra el dramático estado latinoamericano, achacado por tensiones dialécticas entre la dependencia y la autonomía regional. Pueblos mezclados racialmente pero de múltiples diferencias estéticas, culturales, religiosas, políticas y económicas. A pesar de todo, las élites que viven dentro y en el entorno del poder, prosiguen fuertes en el autoritarismo y a causa de eso se tiene una débil presencia democrática. No hay el diálogo necesario entre el Estado y la Nación. La utopía de un gran cambio está muy vivo en el pueblo de América Latina.

Palabras-llaves: política - imaginario - elites - historia - nación - Estado - alienación

A forma de conquista da América estava programada no Renascimento, uma espécie de humanismo greco-romano, levando à ilusão de

que as novas nações podiam basear-se na “polis” grega ou na “Republica” romana. Era o modelo ocidental colonialista de desenvolvimento. O

⁽¹⁾ Entendemos aqui **imaginário** como imaginação utópica, em que cria outra realidade para mostrar erros, opressões e violência da realidade presente e estimular em nossa imaginação o desejo de mudança.

⁽²⁾ Professor Doutor, no Instituto de Filosofia PUC-Campinas. É membro da Academia Campineira de Letras e Artes. Entre outras publicações, escreveu o livro “As Utopias Latino-Americanas - em busca de uma educação libertadora”. E-mail: Santiago@acad.puccamp.br

esquema colonialista até hoje domina o pensamento e o comportamento ocidental. Qual seria esse esquema? A crença segundo a qual a maneira de vida do ocidente constitui a civilização.

Desta maneira os povos deviam adaptar-se a esse “modus vivendi” pois os ocidentais destinam-se a levar-lhes a civilização pela força. A rejeição a esse modo de vida ocidental pelos “nativos” significaria atraso de civilização e falta de generosidade dos seus benfeitores que os convidam a imitá-los para caminhar na via do progresso e da prosperidade econômica.

Astecas, Maias e Incas foram as “civilizações inferiores” exterminadas pela invasão européia graças à superioridade militar. E graças a esse trabalho de extermínio e acúmulo de riquezas que o capitalismo se desenvolveu enormemente na Europa, irrigando-a de metais preciosos. A “civilização européia e cristã” lançou ainda na América, milhares de escravos negros, permitindo aos europeus mais acúmulo de capital.

Esta invasão européia levantou inúmeras questões para os pensadores latino-americanos que até hoje se debruçam sobre questões especialmente antropológicas, tentando construir um perfil coerente do povo da América Latina em sua luta de emancipação cultural, econômica, política e social.

Desta maneira a imaginação e os símbolos redescobrem a América de todos nós, como afirma o filósofo brasileiro Rubem Alves:

“A imaginação é para a sociedade o que os sonhos são para os indivíduos. Em toda utopia, trabalho artístico, fantasia religiosa e ritual mágico, a sociedade fala de seus sentimentos ocultos. Fala de suas frustrações e aspirações, e ainda revela os seus anseios reprimidos, os quais não podem ser articulados em linguagem comum”³.

Realmente, questões como identidade, nacionalidade, cópia e produção original perseguem toda a história do pensamento latino-americano. De fato estavam presentes em

textos ainda anteriores às independências nacionais e ganharão maior expressão com o romantismo que leva a uma preocupação pelos valores próprios da América Latina.

Na década de 40 do século passado, aparece uma série de trabalhos históricos com a marca da negatividade em relação à Espanha. São notórios os trabalhos de Sarmiento sobre a Argentina, Victoriano Larrastia sobre o Chile, Andrés Bello sobre a Venezuela, José Maria Luis Mora sobre o México e de José Maria Saco sobre Cuba.

A discussão sobre a modernidade esteve ligada à questão do original e da cópia, onde ao ler-se J.B. Alberdi⁴ ou Francisco Bilbao, apresentam os Estados Unidos como modelo do espírito da modernidade que se pretendia realizar. Situações semelhantes apareciam no Brasil, na segunda metade do século XIX, quando Machado de Assis atestava o desejo de se criar uma literatura mais independente enfatizando a relação entre o regional e o universal.

Muitas dessas questões tem sido tratadas e discutidas desde a época colonial, ganhando novos contornos na medida em que se tem modificado a inserção da América Latina no mundo. Uma das questões que mais provocou discussões foi a relação do particular com o universal, ou seja, do nacionalismo exacerbado e do universalismo alienado.

Buscaríamos então no nacionalismo a definição de um espírito latino-americano ou a caracterização de índoles raciais com finalidade de construir uma visão ufanista regional. Buscaríamos uma essência latino-americana, seu ser original, sua filosofia, rejeitando o universal pela exaltação do particular, marcado por uma época, uma raça, um estamento. Essa idéia de especificidade latino-americana declina para o nacionalismo regional quando a região passa a ser vista como entidade estática. Toma-se o outro apenas como modelo do qual pretendemos diferenciar, pois o exterior sendo distinto, é inadequado ao ser latino-americano. Mas não há dúvida de que se corre um risco, mas outro risco

⁽³⁾ A Gestação do Futuro, p.87

⁽⁴⁾ O conhecimento da filosofia política e da cultura anglo-saxônica inspirou as concepções liberais de J.B. Alberdi, cuja obra influenciou na elaboração da constituição argentina de 1853

poderia surgir é o de defender-se um universalismo radical e alienado que ignore peculiaridades regionais.

Acreditamos que vivemos entre um humanismo abstrato e um historicismo alienante. Precisamos antes, reconhecer as características da cultura latino-americana.

A América Latina é história real e imaginária. Real na sua concretude e imaginária como na obra de Gabriel Garcia Marquez em “Cien años de soledad”. A análise da cultura e da tradição latino-americana não está, portanto, impossibilitada pela universalidade nem pela diversidade regional⁵.

Entender esse imaginário é perceber condições de formular sua crítica, que será também uma crítica da cultura latino-americana, incluindo o pensamento, as artes e as mentalidades. Claro que faz sentido opor os traços de uma cultura anglo-saxônica a outra predominantemente latina e ibérica.

Só poderemos entender corretamente a América Latina na sua vinculação da dominação interna e internacional. Enquanto existe a dominação, a imagem da região está intrinsecamente relacionada com essa dominação. É importante abolir a divisão real entre dominador e dominado, mesmo considerando que o real também passa pelo simbólico⁶.

A cultura regional latino-americana, nos seus respectivos espaços nacionais, tem se dividido em duas: uma a do povo a outra a da elite. A primeira é uma sedimentação de culturas não necessariamente nacionais e populares que também cria e recria, mas sem acesso direto ao vanguardismo internacional. A segunda está constantemente empenhada em traduzir o nacional no internacional, mesmo quando exalta o local ou, ao contrário, defende a internacionalização da cultura.

Percebe-se que a história latino-americana é parte integrante da história européia, relaciona-se com a norte-americana e está intrinsecamente

vinculada à história africana, como à cultura indígena. Logo, mesmo voltando-se para a própria região e para seu passado, ela não é exclusiva e isolada. Se consegue ser própria e local, é como parte integrante da história universal. Enfim a América Latina é uma mistura de outros.

Analisar a identidade latino-americana é como lançar-se sobre a definição de **alteridade**. A imagem da América Latina se reflete, como um espelho, na imagem dos outros, que são tomados como modelos de futuro ou como ameaça presente. A imagem do outro tem assim, um duplo sentido: exerce ao mesmo tempo fascínio e medo.

Será que a invasão do modelo norte-americano constitui uma ameaça? Talvez para o capitalista dos cartéis assuste o modelo ianque. Isso ameaçaria a identidade latino-americana? Os Estados Unidos mal nos ouvem, mas se metem na caminhada que a América Latina faz, especialmente com a Argentina, Brasil e México. Enquanto existir desequilíbrio de forças, haverá pressão dos Estados Unidos e não apenas a exportação de uma ideologia de base neoliberal.

Os modelos que tiveram influência e fascínio no passado como os movimentos revolucionários (Rússia, China, Cuba, Nicarágua) perderam sua mística e operacionalidade; por outro lado, o capitalismo neoliberal aplicado ao Terceiro Mundo, não deixa saudade, pelo contrário, marca um rastro de pobreza e desemprego impressionantes.

Se as revoluções dependessem apenas das condições materiais, haveria nos anos 80 deste século um clima revolucionário na América Latina, pois houve nessa década uma regressão econômica e uma deterioração da qualidade de vida. Foi a chamada “década perdida”. Mas as revoluções não se fazem sem símbolos eficazes que se projetem no futuro como sinal de libertação. O modelo aparentemente estável da União Soviética (hoje Rússia) ruiu. A imagem da revolução e revolta contra o capitalismo sofreu um processo de autocrítica.

⁽⁵⁾ Há uma excelente obra sobre o **universal** e o **regional** do filósofo brasileiro Gerd Borheim com o título: O idiota e o espírito objetivo, Editora Global, 1987.

⁽⁶⁾ Quando aqui nos referimos a dominante-dominado, não nos referimos à velha ideologia política leste-oeste, mas a pressão que países poderosos exercem sobre economias de países economicamente fracos e estes sobre sua população.

O que resta agora à América Latina sem um socialismo eficiente e um neoliberalismo duvidoso?

Não resta a América Latina senão construir sua utopia. Não para fechar os olhos e se fechar às influências exóticas, não por encobrir com a ideologia sua própria realidade e seus graves problemas, mas, ao contrário, por estar com os olhos abertos à influências de onde quer que venham, pois estas sempre tentaram adequá-las à nossa realidade, contudo até hoje constituem paliativos.

Encontrar suas próprias políticas não deve despertar suspeita de uma inovação narcisista por parte da América Latina. É necessário olharmos nossa realidade sem negar os outros, sem deixar de incorporar todas boas experiências, sem nos curvarmos à dominação, nem tornarmos-nos escravos do futuro alheio.

A idéia da América Latina como utopia, que nós latino-americanos herdamos da própria Europa, constitui um rico filão para o pensamento que está sendo produzido entre nós. Existe um pensamento latino-americano na arte, na literatura, contudo a reflexão se produz por descontinuidades. A própria imagem das tradições culturais é múltipla. Tomar como ponto de partida a necessidade de um pensamento próprio ou o desejo de fazer uma literatura latino-americana é afirmar uma ideologia regionalista que se constrói sobre uma visão particular, necessidade primária para tornar-se universalista.

O pensamento latino-americano tem sido referido ao pensamento europeu, mas ocupa-se de sua esfera própria, da identidade latino-americana, do subdesenvolvimento e da dependência.

É a dependência latino-americana que impede que esse pensamento não consiga libertar-se de seus dois aspectos marcantes: sua subserviência em relação aos grandes centros mundiais ou sua oposição militante ao que se produz lá fora, na ilusão de construir por oposição algo de originalidade.

O desejo latino-americano de tornar-se dono de seu próprio destino é o de ver-se livre

em relação aos centros de poder. Em termos políticos, a inserção da América Latina numa escala de espaço e tempo tem se traduzido no fato de que aqui o desejo de autonomia tenha convivido com um pensamento permeado pelas idéias de que, sendo uma invenção alheia, ainda não existimos.

Os latino-americanos não vivem realmente o presente, mas um projeto futuro, uma esperança, uma utopia, e ao mesmo tempo um presente ameaçado, porque o autoritarismo latino-americano sobrevive até sob o manto do liberalismo e da democracia, ou seja os latino-americanos vivem em sociedades autoritárias⁷. O autoritarismo latino-americano por sua vez se organiza como sociedade histórica em formação, mesmo quando se quer liberal e desenha-se um projeto democrático, pois se representa como estando a caminho de imagens determinadas da democracia.

A noção de povo não consegue traduzir uma existência positiva, isto é a de um povo que é e que age no presente. É o povo futuro, que ainda não existe em sua forma madura e deve atravessar o estágio de preparação. O povo que não existe e que é como tal, solicitado a participar, quando empiricamente participa, no presente, passa a ser representado não mais como povo futuro, mas como anti-povo. Ele pode ser entendido como agente perigoso, quando as elites se reciclam no poder.

BIBLIOGRAFIA

- ABENSOUR**, Miguel. O Novo Espírito Utópico, Campinas, Unicamp, 1990.
- ALVES**, Rubem. A Gestação do Futuro. Campinas, Papirus, 1986.
- ARENDT**, Hannah. Sobre a Violência. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.
- BERLIN**, Isaiah. Limites da Utopia. S.Paulo. Cia.das Letras 1991.
- GALINDO**, Alberto Flores. La Agonia de Mariátegui - La polémica con la komintern,

⁷⁾ João ALMINO: "Um falso problema? In: Folhetim. Folha de S. Paulo 6/8/1988 p. b7.

- Pesco, Centro de Estudios y promoción del desarrollo, Lima, 2ª edición, 1982.
- GARCIA, Jorge J.E. & JARSIC, Ivan.** Filosofia e Identidad cultural em América Latina. Venezuela, Monte Ávila Editores, C.A. 1983.
- GUY, Alain.** Panorama de la pensée philosophique ibéro-américaine, Geneve, Suisse, Editions Patiño 1989.
- LAMPE, Armando (organizador).** Etica e Filosofia e a Filosofia da Libertação. Festschrift, Enrique Dussel, Petrópolis, Vozes, CEHILA, S.Paulo, Edição bilíngüe, 1995.
- LEVINAS, Emmanuel.** Totalidade e Infinito, Lisboa, Edições 70, 1980.
- NEÛSUS, Arnhelm.** Utopia. Barcelona, Barral Editores, 1971.
- RIBEIRO, Darcy.** O Dilema da América Latina - Estruturas de poder e forças insurgentes, Petrópolis, Vozes, 1979.
- SALAZAR-BONDY, Augusto.** Existe una filosofía en nuestra América?, Siglo Veintiuno editores, Mexico, 1968, 11ª Edición.
- SANTIAGO, Gabriel Lomba.** As Utopias Latino-Americanas - Em busca de uma educação libertadora. Campinas, Ed. Alínea, 1998
- TOURAINÉ, Alain.** Palavra e Sangue - política e sociedade na América Latina, SP. Trajetória Cultural/ Ed.Unicamp, 1989.
- VILLEGAS, Abelardo.** Reformismo y Revolución en el pensamiento latinoamericano, Siglo Veintiuno S.A. México, 3ª edición, 1977.

